

**A ESCRITA E A REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
Relato das atividades e discussões propiciadas por um estágio de
observação**

***WRITING AND REFLECTION IN TEACHERS' FORMATION: an account
on activities and discussions occurred in an observation internship***

Carlos Jorge da Silva Correia¹

Clarissa França Tavares de Souza²

Kennia de Cássia Araújo Galdino³

Shaula Maíra Vicentini de Sampaio⁴

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre alguns cenários educativos tidos como significativos para professores em formação enquanto protagonistas de um estágio de observação desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas. Nesse sentido, foi possível constatar que este lugar ambíguo, indeterminado, de observador do espaço escolar e de suas relações provoca, inicialmente, um certo desconforto. Mas, por outro lado, não estar no lugar nem de professor nem de aluno possibilita que os estagiários consigam *ver* coisas diferentes das que viam quando eram alunos em suas escolas. Além disso, a condição de observador da escola parece propiciar aos professores em formação a oportunidade necessária para um olhar reflexivo sobre as diversas relações tecidas na comunidade escolar, fato que inevitavelmente transborda em uma reflexão sobre a importância da própria experiência vivenciada no estágio. Dessa forma, o estágio de observação foi entendido pelos professores em formação como uma rica possibilidade para se levantarem questionamentos quanto à futura prática docente, bem como sobre alguns desafios do professor atualmente.

¹ Carlos Jorge da Silva Correia - licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: carloscorreia1986@gmail.com

² Clarissa França Tavares de Souza - licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: clarissafts@gmail.com

³ Kennia de Cássia Araújo Galdino - graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: kenniagaldino@gmail.com

⁴ Shaula Maíra Vicentini de Sampaio - bacharel e licenciada em Ciências Biológicas pela Unicamp; mestre e doutoranda em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente do ICBS/UFAL. E-mail: shaula.maira@gmail.com

Palavras-chave: Estágio de Observação. Formação de Professores. Escrita Reflexiva.

ABSTRACT

This article aims to present reflections on some educational scenarios considered as meaningful for teachers in supervised teaching practice as protagonists in an observation practice developed as part of the Bachelor's Degree in Biological Sciences of the Federal University of Alagoas. Accordingly, it was found that this indeterminate and ambiguous role of observer of the school's space, as well as its connections, causes, initially, a certain discomfort. On the other hand, not being in the position of teacher or student enables the trainees to see things differently from what they used to when they were students in their schools. Besides, the role of 'school observer' seems to provide teachers in supervised teaching practice the opportunity needed for a reflective look on the various connections weaved within the school community; a fact which inevitably culminates into a reflection about the importance of their own learning experience throughout their practice. Thus, the observation practice was perceived by teachers in supervised teaching practice as a rich opportunity to raise questions about future teaching practice, as well as some challenges for teachers today.

Keywords: Observation Practice. Supervised Teaching Practice. Reflexive Writing.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda as reflexões realizadas por três alunos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas propiciadas pela disciplina Estágio Supervisionado 2. O objetivo fundamental deste estágio é possibilitar que os licenciandos reconheçam o ambiente escolar como um espaço de relações socioculturais, as quais não se vinculam estritamente aos objetivos de ensino e aprendizagem, de forma que os estagiários são estimulados a observar a dinâmica dessas relações que se processam entre alunos, professores e setores administrativos, bem como entre todos esses sujeitos e os espaços e tempos da escola.

Assim, os estagiários encontram-se em uma posição inédita enquanto “observadores”; não estão no ambiente escolar enquanto alunos (posição que já ocuparam anteriormente), mas tampouco estão assumindo o papel de

professores (posição que irão, talvez, ocupar como decorrência de sua formação profissional). Este lugar ambíguo, indeterminado, de observador do espaço escolar e de suas relações provoca, inicialmente, um certo desconforto. Mas, por outro lado, não estar no lugar nem de professor nem de aluno possibilita que os estagiários consigam *ver* coisas diferentes das que viam quando eram alunos em suas escolas. Assim como a oportunidade de ainda não estar encarnando a função de professor, proporciona um olhar para a escola menos “acostumado” a ver tantas coisas já vistas e consideradas corriqueiras e naturais no dia-a-dia do docente ou, até, nem ver tantas coisas em decorrência do excesso de trabalho, da falta de tempo para um “olhar distraído”. Portanto, a ideia deste estágio é incentivar que o licenciando lance para a escola (instituição aparentemente tão familiar a todos nós) um olhar interessado, que não seja condicionado pela rotina, e que estes olhares possam desencadear reflexões, pensamentos e questionamentos sobre aquilo que consideramos ‘natural’ a respeito da escola.

Também se busca compreender a escola como um lugar que possui muitos sentidos e significados, inclusive para aqueles sujeitos que a frequentam diariamente (DAYRELL, 1996): pode ser vista como um lugar que possibilite “passar no vestibular” ou “ser alguém na vida”, pode ser vista como um espaço de convívio e troca de experiências, ou um lugar para onde se é “obrigado a ir todos os dias”, entre tantas outras possibilidades. Devido a essa polissemia, os usos que são feitos dos espaços e dos tempos também são extremamente variados. Um exemplo bem evidente disso é observar como uma mesma escola é vivenciada de formas tão diferenciadas no turno da manhã, da tarde e da noite.

Por uma questão operacional, o referido estágio é dividido em duas “etapas” de observação: na primeira etapa, os estagiários devem atentar para os aspectos que poderiam ser chamados de mais “subjetivos” com relação ao funcionamento da escola. Isto é, a ideia é que eles focalizem

menos os aspectos institucionalizados (como a aula e seus métodos e a burocracia da instituição) e possam tentar perceber *outras coisas*, como as relações entre os sujeitos que convivem neste local, as apropriações que os alunos fazem dos diferentes espaços da escola, a vivência do tempo de permanência lá (ainda que mediado pelos “sinais” que dividem os períodos – o intervalo e a hora de ir embora –, os sujeitos conferem diferentes significados a este tempo tão minuciosamente fragmentado).

Já na segunda etapa do estágio, os estagiários devem tentar direcionar suas observações para a *outra* rotina da escola, composta justamente por aqueles elementos mais formalizados da instituição que permitem que a escola funcione de determinada maneira: quem é responsável pelas tarefas burocráticas, quais são elas, qual sua importância, como é feita a gestão, quais são todas as atribuições dos professores, como se dá a interação com os familiares dos alunos, entre inumeráveis outros *detalhes* que parecem menores, mas são essenciais para que a escola possa funcionar e prosseguir existindo.

Ao longo do semestre em que é realizado este estágio, os licenciandos discutem suas diferentes impressões nas aulas em que são socializadas as experiências dos diferentes grupos, produzem trabalhos (como um audiovisual que condensa as reflexões feitas na primeira etapa do estágio) e elaboram *diários de campo*, que são um importante instrumento para a sistematização das reflexões, dúvidas, inquietações e questionamentos propiciados durante as idas para as escolas. A partir destes diários, os estagiários exercitam uma escrita reflexiva e sua confecção oportuniza que eles disponham de um tempo em que possam pensar de uma forma mais detida e distanciada sobre tudo aquilo que vêem e sentem durante sua estadia no espaço escolar. No relato de experiência que será apresentado a seguir, você perceberá o papel central que a escrita dos diários exerceu nas reflexões e discussões realizadas pelos estagiários que são autores deste texto.

APRESENTANDO A ESCOLA...

Antes de expormos as nossas reflexões sobre os diferentes temas que nos interpelaram ao realizarmos mais um estágio do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, queremos abrir as portas da escola que nos recebeu como estagiários a fim de fazê-la, na medida do possível, conhecida de você que nos lê.

Estamos na cidade de Maceió, capital de Alagoas, e o local de estágio é a Escola Estadual Professora Margarez Maria dos Santos Lacet, localizada no Tabuleiro dos Martins, um bairro periférico da cidade, mas que apresenta alguns elementos que o distingue, entre eles, abriga a Universidade Federal de Alagoas. A escola funciona nos três turnos, atendendo cerca de 3.000 alunos, que estão matriculados em uma das modalidades de ensino oferecidas, a saber: o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio.

UM POUCO DO QUE VIMOS...

A experiência na Escola a que nos referimos foi marcada por intensas observações a cada dia de estágio. Algumas delas, de tão nítidas, nos impressionaram no mesmo local e hora em que aconteceram. Outras vieram com o tempo, em divagações solitárias no momento da elaboração do diário de campo. Apresentamos uma “colagem” de trechos dos nossos diários de campo apenas para darmos uma ideia da diversidade de questões que conseguimos discutir nesse período em que estivemos na escola:

- Inserção (ou não) do aluno na escola:

O fim do primeiro dia de estágio chegou e uma forte impressão ficou. A de que aqueles alunos, mesmo dentro da escola, estavam muito distantes dela, separados por grades, por ambientes frígidos, por salas de aula sem mestres, por sirenes terroristas, enfim... Por uma escola que não sabe ser escola. (diário de Clarissa, 08-04-09).

- Desvalorização da instituição escolar:

Ainda com relação ao pátio, observou-se a sujeira que tomava conta do lugar. Papel, embalagem e lixo de toda sorte espalhado pelo piso ou dentro das canaletas de água. Analisando a situação, penso que a atitude dos alunos em jogar o lixo em qualquer lugar, mesmo com latas de lixo no pátio, revela a desvalorização que eles têm pela escola. E isto parece ser uma via de mão dupla. (diário de Clarissa, 08-04-09).

O laboratório é bastante amplo, com uma bancada central e balcões laterais. Nas paredes, alguns armários com objetos diversos. Procurei observar cada material que tinha ali. No entanto, antes mesmo de prestar atenção nos recursos do laboratório, uma observação se fazia muito clara: eu estava diante de um lugar muito empoeirado e abandonado. (diário de Clarissa, 27-04-09).

Percebi, então, que de fato, a Educação não é igual para todos. Muitas vezes não há nem educação, mas sim o oposto disso. Existe um desprezo demasiado pela sala-de-aula. Ela não é encarada como um espaço sério, essencial para a formação humana. Se fosse, não estaria vazia na maior parte do dia. (diário de Clarissa, 03-06-09).

- Quem ganhou o milhão?

“Vocês viram quem ganhou o milhão?” Esta foi a primeira frase que ouvi hoje na escola. O Big Brother Brasil 9 é o assunto quente da roda de alunos formada a poucos metros de mim. Comenta-se com excitação sobre os lances finais do programa e sobre a vitória do participante Max. Com isso, nota-se o poder de construção que os discursos da mídia exercem sobre a população, em especial a juventude. (diário de Carlos, 08-04-09).

- Toda regra tem exceção...

A turma tinha uns 40 alunos ou mais e me pareceu muito comportada. Não se sabe até que ponto nossa presença influenciou a disciplina deles, que julguei impecável. O conteúdo da aula aparentava ter sido aprendido pelos alunos que respondiam sem dúvidas às perguntas levantadas pela professora. Era uma sala bem diferente das que costumamos ouvir falar nas denúncias aos problemas das escolas. Talvez seja uma exceção, mas que linda exceção! Será que conseguiremos, um dia, fazer de certas exceções a regra? (diário de Carlos, 14-04-09).

- Marcas pelo corpo

Nike. Mizuno. Adidas. All Star. Puma. Estas são algumas das marcas que vejo e que atuam, no meu ponto de vista, como sinalizadores culturais. Estampadas nas roupas, bolsas e sapatos dos jovens, tais marcas, internacionalmente conhecidas, conferem ao seu portador prestígio no meio social que é a escola. Seria isto um reflexo micro do processo macro que é a globalização? Certamente, assim como o é a grande quantidade de equipamentos tecnológicos tais como celulares, mp3 e mp4 que os alunos trazem na “composição acessória” de seus corpos. (diário de Carlos, 16-04-09).

OBSERVAR, PENSAR, ESCREVER... A REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Após apresentarmos estes trechos, ainda dispersos, dos diários de campo que elaboramos durante o percurso do Estágio Supervisionado 2, gostaríamos de começar discutindo justamente sobre a importância da prática de escrever os diários e a sua importância para a construção de uma identidade profissional, proporcionada pelos questionamentos levantados durante o ato de escrever. BRONER (2005) fala-nos sobre importância da elaboração de diários de campo (linguagem escrita) na construção de identidades profissionais em contextos de aprendizagem dos sujeitos.

Para que observar?

A proposta deste estágio foi a de observar os espaços escolares e as relações que os indivíduos vinculados a este lugar estabelecem com ele e com outros indivíduos. Partimos, então, para um olhar crítico e, deveríamos, portanto, ver criticamente tudo o que na escola nos cercava e atentar para aquilo que, em um primeiro momento, “não se queria ou não se podia” ver. O fato de estar em uma escola e não ser professor ou aluno fez-nos ver o quanto o ato de escrever é importante, despertando em nós o senso crítico

através da avaliação reflexiva sobre os diferentes aspectos que constituem o social e os demais aspectos inerentes ao cotidiano escolar, que é relegado muitas vezes a um segundo plano por professores e outros funcionários, pois acabam sendo “normalizados” ou tomados como óbvios.

O fato é que essa experiência me marcou. Foi muito bom ir à escola e não ser professor ou aluno. Quanta coisa esse novo posicionamento me propiciou... (diário de Kennia, 03-05-09).

Mas a importância de ir à escola como estagiários e apenas observar, inicialmente, não nos ficou clara. Pareceu-nos que ficaríamos em uma condição vulnerável e passiva. Discutimos, em nossos diários o porquê da observação neste estágio e descobrimos, com o tempo, a sua importância. Podemos ver esse questionamento no excerto abaixo:

Por que “só observar”? Acho que, por enquanto, posso me contentar com o fato de que essa distância me faz ver e perceber coisas que talvez, se eu tivesse agindo ao mesmo tempo em que me fosse exigida essa observação, eu não veria. É como se o ver e “ficar só na vontade” fosse agora muito mais válido no sentido de despertar em mim algo crítico em relação àquilo que observo. (diário de Kennia, 07-04-09).

Portanto, desvendar o que acontecia nas salas, no pátio, enfim, em cada canto da escola, seria como um novo modo de brincar de caça ao tesouro, onde o que nos importaria de fato não seria o que procurar, mas sim o caminho que percorremos em si. E, nesse caminho, nos descobrimos.

Importância do refletir para a prática docente

A importância que é conferida à escrita no curso de graduação (em especial nas disciplinas “pedagógicas”) nos possibilita rever metodologias e levantar alguns questionamentos quanto à nossa futura prática profissional (ou ética profissional), constituindo uma espécie de ação-reflexão-ação que, além de centrar-se no *agir*, põe bastante em destaque o *observar* e o *refletir*.

O diário torna-se, então, uma janela onde se pode vislumbrar o que temos por *sonhos* e *medos* dentro de nossa perspectiva na construção do *eu professor*.

Estava relendo os outros dois diários anteriores e me impressionei com a quantidade de questionamentos que havia levantado no simples ato de colocar por escrito os meus pensamentos e sentimentos. (diário de Kennia, 23-04-09).

Refletir ajuda a nos constituirmos como sujeitos capazes de transformar realidades. Pudemos perceber que o cotidiano escolar, o qual é muitas vezes tomado como trivial, assim como a realização das práticas escolares mais formalizadas, interferem intensamente na prática do professor. Várias vezes ficamos impressionados com a falta de reflexão que havia nos atos dos professores, coordenadores, diretores. Era tudo feito de modo muito mecânico.

Se imaginarmos que seremos partes desta imensa máquina, sem refletir sobre nossa prática, estaremos repetindo modelos e nada será mudado na educação brasileira. Vários autores discutem sobre uma nova posição do educador frente às novas necessidades da escola. Nesse sentido, consideramos pertinente a consideração feita por Veiga (2003) sobre a formação de professores:

Reforçamos a ideia de que precisamos analisar as dimensões pouco visíveis da questão para que possamos construir caminhos possíveis para nos aproximarmos de políticas educacionais que rompam com a repetição, com a mesmice, com as rotinas burocráticas que atingem não só a educação universitária e a educação básica, mas o próprio futuro da nação. (VEIGA, 2003, p. 70).

Construindo uma Identidade Profissional através da Reflexão

Escrever sobre o que foi vivenciado nos suscitou questionamentos e incertezas. Também possibilitou que fizéssemos muitas reflexões, ao

confrontarmos o nosso ideal de professor com o que encontramos nas nossas atividades de observação. Essa reflexão foi tida por nós como crucial para a construção de uma *ética* como professor, uma identidade profissional que esteja intimamente contextualizada com a realidade. Sobre essa construção de identidade profissional docente, ressaltamos indagações que levantamos durante a execução de nosso estágio:

A quantidade de professores que falta é absurda e me leva a pensar: que professora serei eu? Deixarei a burocracia me abater? (...) Será que um dia eu ficarei tão exaurida que dispense um dia de aula? Essa última pergunta levanta outras questões como: o que será importante pra mim enquanto profissional? São questões que não posso responder agora, mas posso pensar, por um longo tempo, sobre elas. (diário de Kennia, 08-04-09).

Mas é importante enfatizar o fato de existirem inúmeros fatores que são importantes na construção de uma identidade profissional, ou de nossas competências ao longo do (bom) exercício da profissão. Como Veiga (2003) afirma, o desenvolvimento de uma competência profissional evolui interagindo com o desenvolvimento psicológico (pessoal, moral, conceitual e por vezes subjetivo) do professor como adulto e com o desenvolvimento de sua carreira.

SOBRE TEMPOS E ESPAÇOS DA ESCOLA

Ao estudar os diferentes aspectos do mundo que habitamos, Michel Foucault (2004) se ateve, no livro *Vigiar e Punir*, à análise do exercício do poder disciplinar sobre os corpos. Nessa obra, o autor deixa claro, entre outras coisas, quais os caminhos que levaram a justiça penal a modificar-se, passando das antigas penas de suplício (práticas de tortura exibidas publicamente) para as que privam a liberdade do sujeito. As penas adquirem, então, novo significado; não se busca mais o castigo cruel do corpo, agora a intenção é discipliná-lo, torná-lo dócil. Nesse sentido, tanto o espaço quanto

o tempo dos indivíduos presos deveriam ser meticulosamente regulados pelas instituições sociais encarregadas de (re)educá-los.

Curiosamente, na modernidade, atribuiu-se à escola papel semelhante ao das prisões. Para Veiga-Neto (2001, p. 17), “a escola moderna foi sendo concebida e montada como a grande [...] máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar”, uma vez que foi pensada para controlar os corpos distribuídos no espaço da escola por meio do confinamento (na sala de aula) e, também, para regular o tempo das experiências que se dão em seu ambiente, tal qual nas prisões.

Com esse referencial em mente, não é novidade concluir que a maioria das escolas do século XXI ainda se configura de forma semelhante às do século XIX. Contudo, se o poder disciplinar na escola moderna conseguiu de alguma forma “domar” os corpos que a ela eram entregues, parece-nos que a escola de hoje não mais alcança esse objetivo, mesmo tendo sua estrutura voltada para tal intento. Foi essa a impressão que tivemos ao longo do estágio na escola pública que observamos. O que vimos na escola em que estagiamos realmente condiz com a ideia de que nossas escolas ainda são pensadas a partir da intenção de controle, mas também, percebemos que os alunos de hoje são muito hábeis no que se refere à capacidade de “escapar” ao poder disciplinar e construir territórios de liberdade...

Nessa tentativa inicial de entender minimamente o que se passava diante de meus olhos, notei que, à medida que chegam meninos e meninas [à escola], procuram reconhecer territórios já ocupados por conhecidos. Nessa tarefa, os olhos escrutinam o espaço e brilham enquanto os lábios sorriem ao tempo que se reconhece um amigo, um lugar para fazer parte, se incluir. (diário de Carlos, 08-04-09).

Esse fenômeno que chamamos de “reconhecer territórios” em meio ao pátio amplo foi uma das primeiras impressões que tivemos ao mergulharmos no contexto da escola onde fizemos estágio. Observamos diariamente o

comportamento dos jovens ao chegarem à escola, direcionando nosso olhar para as formas através das quais esses jovens se apropriavam do espaço escolar. Assim, percebemos que a unidade social que um grupo representa é parte fundamental da estratégia de convivência na escola. São nesses grupos que os corpos dos alunos se expressam com liberdade, quase independentemente dos controles da instituição. Tal controle atua, por exemplo, a partir do toque sinalizador do início das aulas e término do livre uso do espaço escolar que até então faziam os alunos, como se observa no excerto a seguir:

Às 7h30, já comentávamos sobre as diferentes formas como os alunos utilizam o espaço escolar. Nesse exercício, fomos classificando os tipos de jogos que víamos: Queimado, Paredão, Sete-queima, Futebol, entre outros. (diário de Carlos, 08-04-09).

Imaginemos uma pessoa que nunca esteve em uma escola e, de uma hora para outra, é imerso no pátio de um colégio tumultuado como o da escola em que fizemos estágio. Qual seria a sua reação diante do constante fluxo de pessoas regulado por sinais sonoros agudos que muitas vezes se parecem com sirenes terroristas? Qual seria a sua compreensão sobre a utilização do espaço feita por aquelas pessoas? Essas são apenas duas das inúmeras questões que poderiam ser formuladas a respeito de como um olhar “estrangeiro” veria a escola de hoje. Na aventura de imaginar alguma resposta para esses questionamentos, acreditamos que tal indivíduo se questionaria, após sucessivos toques da sirene, por exemplo, por qual motivo as pessoas iam de um lado para o outro diante do som que ouviam e que, aparentemente, não tem nenhum significado. Afinal, escaparia a esse estrangeiro o conhecimento acerca do fato de que a escola utiliza essas “marcações sonoras” para organizar o tempo que dispõe no que se refere às aulas e ao lazer.

Com essa anedota simples, queremos chamar atenção para a importante função desses elementos que determinam os tempos na escola e,

consequentemente, influem na utilização do espaço escolar. Nessa perspectiva, ao longo dos dias de observação no estágio, pudemos ver claramente que os alunos, mesmo conseguindo, em algumas ocasiões, escapar do poder disciplinar, inevitavelmente moldam seus próprios tempos aos tempos instituídos pela escola.

CONCLUSÕES

Após essas pinceladas que certamente representam apenas um rascunho das imagens que visualizamos (e que também construímos) durante a imersão no ambiente escolar realizada no estágio que aqui relatamos, nos encaminhamos para a conclusão desse texto tendo a certeza de que essas experiências, bem com os pontos de vista aqui debatidos, não constituem um retrato final, definitivo, da escola. Ao contrário disso, é importante enfatizar que *escolhemos* abordar determinados temas e, consequentemente, abdicamos de falar sobre tantas outras coisas que pensamos e discutimos ao longo deste período, como é normal que aconteça quando tratamos de questões tão diversas e complexas como as que permeiam as relações que acontecem no espaço da escola. Da mesma forma, supomos que isso ocorra com um professor que está na escola e faça o exercício de pensar sobre sua relação com os alunos, sobre a aula que ministrou, sobre as peculiaridades familiares de cada um de seus alunos, entre tantas outras possibilidades de temas e enfoques que, a cada dia, são deflagradas pela sua prática de ensino. Isto é, um professor ou professora que esteja disposto a refletir e repensar sua prática certamente não conseguirá “dar conta de tudo”; ele provavelmente dará mais importância para algumas questões do que para outras. E estas escolhas de enfoques estão ligadas com as experiências pessoais, as preferências, as questões que mais nos angustiam, as nossas dificuldades...

Assim, optamos por abordar os aspectos que mais nos chamaram atenção durante a experiência do estágio: o papel da reflexão e da escrita durante o período de observação e o papel fundamental que acreditamos que essas habilidades podem ter na transformação da prática dos professores e a questão dos usos dos espaços da escola pelos diferentes sujeitos e a distribuição do tempo como elemento disciplinador das relações que ocorrem na escola. Sabemos que deixamos de mencionar e discutir outros aspectos igualmente (ou até mais) importantes, como a alarmante falta de professores na escola e a ociosidade dos estudantes em função desse problema; o impacto dos programas sociais do governo no cotidiano das atividades escolares; a confusão de papéis dos gestores da escola no cumprimento de suas atribuições. Enfim, essas são temáticas que devem continuar afligindo outros estagiários, que talvez as abordem com mais profundidade de acordo com as suas próprias escolhas...

REFERÊNCIAS

BRONER, E. M. A escrita dos diários no processo de formação profissional. In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. A. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

VEIGA-NETO, A. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VEIGA, I. A. Professor: tecnólogo de ensino ou agente social? In: VEIGA I. A.; AMARAL, A. L. (Org.) **Formação de professores: políticas e debates**. Campinas: Papyrus, 2003.